



Nádhia & Péricles

Alexandre Santos

Narra a incrível história de amor de Nádhia e Péricles.

Era uma vez, um comandante que, meio desiludido da vida, começou a procurar a felicidade.

Como fazia sempre que tinha as noites livres, naquela 6ª feira, ao final do expediente administrativo, depois de um rápido lanche na cantina da base da companhia, ao invés de preparar-se para a travessia transatlântica que fazia quase diariamente, o comandante Péricles Buscatto foi ao 'Depois do Escuro', um charmoso bar muito bem frequentado, cravado há mais de uma década no enclave boêmio do bairro das Graças, no Recife. Precisava espairecer um pouco, inclusive como forma de reduzir o estresse, que, sem admitir sequer para si próprio, passara a fustigá-lo nos últimos meses, atormentando-lhe o sono, até então, tranquilo e pesado.

A excessiva carga de trabalho se intensificara há seis meses, época de início do enxugamento de custos - unificação e uniformização das estruturas, corte de pessoal, eliminação de mimos e tudo o mais -, na WingStars, nova e gigantesca empresa surgida da fusão da FalconAir com a BluesBirds, empresas também gigantesca que, sem suportarem a redução do lucro em função das pequenas margens impostas pelo acirramento da competição, precisaram se adequar aos novos tempos e, por uma questão de sobrevivência, ao invés de manter a concorrência fratricida, resolveram cooperar uma com a outra.

A reengenharia recomendada pelos consultores internacionais contratados a peso-de-ouro para orientar o processo provocou o tensionamento das relações externas (acirrando conflitos com clientes e fornecedores) e internas (com a progressiva instalação de um regime geral de medo, especialmente da 'cabra', como passou a ser referida a possibilidade da demissão ou aposentadoria precoces). A instabilidade emocional dos funcionários cresceu e rumou ao clímax com o suicídio do antigo CEO da BluesBirds - que preferiu sair da vida a ser obrigado a aderir ao Programa de Demissão Voluntária proposto pelo pessoal administrativo da FalconAir - e, aí, tentando fugir da depressão assassina, que, sem respeitar sexo, idade, credo religioso ou posição hierárquica, passou a grassar, muitos funcionários, incluindo o comandante Buscatto, buscaram válvulas de escape, abraçando costumes pouco ortodoxos, como a prática regular de esportes radicais, atividades lúdicas e, mesmo, o mergulho nas drogas.

Ainda jovem e já exercendo grandes responsabilidades, inclusive a condução de um super A-300, Péricles Buscatto era único comandante sênior da companhia ainda solteiro e, por isso mesmo, objeto de comentários invejosos. Com uma ponta de maldade, por exemplo, omitindo itens como pendor e competência, muitos atribuíam o sucesso

profissional do jovem comandante à dedicação só permitida àqueles sem obrigações familiares. De qualquer forma, o comandante Buscatto era o sonho romântico da maioria das funcionárias da empresa, que respondiam meras referências ao seu nome com um coro de suspiros. Na realidade, perdido na multidão dispersa pelas salas e aeronaves espalhadas por todos os países atendidos pela companhia, mesmo citado e cobiçado pelo mulherio, ele não era muito conhecido. Aliás, como se fosse uma figura lendária, a maioria dos colegas não conhecia o comandante Buscatto pessoalmente e seria incapaz de identificá-lo se com ele se cruzasse.

Naquela noite, o comandante Buscatto chegou ao 'Depois do Escuro' disposto a se divertir. Boa música, uns goles de uísque, alguns petiscos. Era tudo o que ele queria. Como de outras vezes, talvez encontrasse alguém para jogar conversa fora e, quem sabe, até, mesmo, namorar um pouquinho. Na realidade, mesmo que nada acontecesse, só o fato de estar ali já o agradava. Afinal de contas, qualquer coisa era melhor do que voltar do escritório para a casa dos pais e, ligado nas coisas da WingStars, assistir televisão até tarde e, depois, rolar na ampla cama de solteiro sem conciliar o sono até alta madrugada, ruminando lembranças que não o agradavam.

O comandante Buscatto ainda não sabia, mas aquela noite seria diferente.

Com efeito, mal bebericara a primeira dose e ele viu Nádhia por entre as frestas abertas na silhueta das pessoas debruçadas no balcão do bar, inclusive das duas jovens que a acompanhavam. Aquele foi um momento mágico. Nunca tinha visto mulher tão bonita. Não sabia quem ou de onde ela era. Não sabia, sequer, o seu nome, sabia apenas que encontrara a mulher da sua vida. Mesmo passados muitos anos, muito tempo depois, ele não sabia descrever o que passara naquele momento. Sentiu uma sensação inédita e estranha, como se um ímã o atraísse irresistivelmente para ela, fazendo disparar o seu coração. Os mais antigos diriam tratar-se de um caso típico de 'amor a primeira vista'.

Sem ter como desviar o olhar da moça parcialmente encoberta pelo jogo de sombras do bar à meia luz, o comandante percebeu que, mantendo (ou realçando) o encanto, a ainda desconhecida estava brava e parecia desabafar alguma raiva às amigas. Era isso mesmo. Nádhia - que, em poucos instantes, conheceria Péricles - convidara as amigas Joana e Felícia para se aconselhar, pois, com os nervos à flor da pele por conta da pressão exercida sobre os funcionários na nova companhia, estava pensando até em sequer esperar pelo anunciado programa de demissões voluntárias e pedir desligamento da FalconAir. Mantido aquele estado de espírito, apresentaria o pedido de demissão já na semana seguinte. Esse era o assunto tão sério que a fazia franzir o cenho.

Embora convencido de que a conversa delas girava em torno de algum assunto desagradável, Péricles decidiu se aproximar. Já vivera tempo suficiente para saber sobre o arrependimento que costuma acompanhar oportunidades não aproveitadas. Estava decidido. Por nada no mundo deixaria de conhecer a mulher que o enfeitiçara. E, sufocando o medo de levar um fora, se aproximou.

- Oi. Meu nome é Péricles - abruptamente, ele interrompeu a conversa. A julgar pela reação das amigas que ouviam os lamentos, a sua chegada foi bem-vinda. De fato, talvez, quem sabe, como forma de evitar ou desviar o assunto desagradável, ao invés de escorraçá-lo, pareceram estimular a presença do estranho com assuntos banais. Nos primeiros quinze minutos de conversa, o assunto inevitável de trabalho emergiu do mar de futilidades em que navegavam.

- Fora essa conversa fiada de conquistador barato, você sabe fazer outra coisa? disparou a moça chamada Joana.

- Você trabalha com o que, Péricles? - completou Nádhia.

- Sou piloto de avião - respondeu com a naturalidade espontânea que a sinceridade permitia. A pronta resposta parece não ter agradado. Se queria impressioná-las, não conseguiu. Pelo contrário. A bravata do DonJuan abriu um frouxo de riso, provocando o troco imediato:

- Ah! é? Que coincidência! Então, estamos no mesmo ramo. Nós somos aeromoças - a resposta veio em coro.

Foi a vez de Péricles estourar a gargalhada.

- Sei. E, em qual companhia as senhoritas trabalham? - ele entrou naquilo que parecia uma grande brincadeira.

- Na FalconAir. E você?

- Eu, também - e, parecendo sepultar a tensão inicial, todos sorriram bastante.

A conversa prosseguiu divertida. Dali em diante, para as moças, Péricles passou a ser, simplesmente, o 'comandante' e, para ele, as moças passaram a ser a 'comissária Joana', a 'aeromoça Felícia' e a 'chefe de cabine Nádhia' (a qual, sem qualquer preocupação de esconder a intenção, era o único alvo da corte do comandante). A história do trabalho na FalconAir rendeu muito, surpreendendo pelo nível de informações que todos tinham sobre a empresa na qual diziam trabalhar. E - achando que, querendo impressionar uns aos outros, todos mentiam -, a conversa rolou divertida. A certa altura, percebendo o clima entre a 'chefe de cabine' e o 'comandante', a 'comissária Joana' e a 'aeromoça Felícia' alegaram um motivo qualquer e os deixaram à sós. Passava da meia-noite, quando se despediram com beijinhos na face, troca de telefones e a promessa de voltarem a se ver no dia seguinte.

Não foi o que aconteceu. O sábado passou e, ao contrário do acertado da véspera e do longo telefonema de Péricles à Nádhia, eles não se viram.

A noitada, o encontro com as amigas e a conversa com o 'comandante' fizeram bem à Nádhia. Depois de muitos dias, conseguira dormir sem a perturbação dos pesadelos provocados pela FalconAir. E, resolvida a aproveitar aquele tantinho de felicidade, embora ainda atormentada pelos problemas do trabalho, decidira empurrar as mágoas para a 2ª feira e aproveitar o restante do fim-de-semana. Assim, menos estressada (ou, talvez, por isso mesmo), Nádhia evocou a fêmea que trazia no seu interior e resolveu deitar charme

sobre o 'comandante', a começar por negar-lhe o encontro prometido. Usando uma estratégia pouco compreendida pelos homens, mas muito eficaz no velho jogo da sedução, não deixou que o conquistador a visse, mas, em compensação, alimentou as suas esperanças com iscas que só as mulheres sabem lançar. Esperou o telefonema de Péricles e, como se houvesse algum segredo a guardar, disse-lhe que não poderia vê-lo naquele dia ("talvez, quem sabe, amanhã"). Após atinar que não veria Nádhia naquele dia, Péricles deu outro encaminhamento à conversa e o telefonema - originalmente, programado, apenas, para marcar local e hora de um encontro - demorou horas e horas.

Sem renunciar às histórias que justificavam o tratamento de 'comandante' e de 'chefe de cabine', mas sem insistir no assunto (que parecia esgotado), cada um explorou as lembranças e as impressões da véspera. Não demorou e, sem dificuldade, se quisesse, Nádhia poderia festejar, pois o 'comandante' estava completamente fisgado (ela não sabia, claro, mas, na realidade, ele já estava [fisgado] desde a véspera, no momento em que a viu). A manobra, no entanto, não lhe foi inofensiva, pois, no processo, caça e caçador cambiaram posições muitas vezes e Nádhia terminou tão fisgada quanto o seu 'comandante' e, assim, igualmente ansiosa, também passou a querer revê-lo com sofreguidão. Como não poderia deixar de ser, ao final do telefonema, Péricles propôs que se vissem no dia seguinte. E, para alegria de ambos, depois de, por um ou dois minutos, fingir resistir ao convite, Nádhia aceitou jantar com Péricles. O comandante exultou (e ela também).

Os acontecimentos, no entanto, não se encadearam como planejado. De fato, a despeito de toda a vontade que animava a ambos, ainda faltava alguma coisa para acontecer o inevitável. Daquela vez, o Cupido foi enxotado por Marte, que, inesperadamente, convocou Nádhia e Péricles para as alturas nas quais trabalhavam. Com efeito, mal o sol despontara no horizonte do oceano formado pelas águas dos rios Capibaribe e Beberibe, telefonemas os despertaram de sonhos românticos e, abortando planos acalentados para aquele domingo, inesperadamente os levaram para o batente do dia-dia. Sem ser inédito para Péricles, aquele tipo de chamada explodiu como uma bomba na carreira de Nádhia.

Sem qualquer preparação, depois de um bom-dia protocolar, a voz vinda do setor de operações da WingStars informou a Nádhia que, por conta de um 'remanejamento' (o que, no novo jargão da companhia, significava alguma marola de demissões, lembrando a todos a onipresença da cabra), ela fora transferida para a divisão internacional, devendo estreiar ainda naquele dia, no iminente vôo das 10h00, com destino a Paris.

- Parabéns, Nádhia. Você tem muita sorte. Imagine que, além de tudo, sua equipe é liderada pelo comandante Buscatto - concluiu a voz feminina, com uma ponta de malícia.

Em outra circunstância, a referência ao comandante Buscatto talvez a animasse, mas, naquele momento, Nádhia já tinha o seu 'comandante' e, sinceramente, era com ele [o 'comandante' Péricles] que gostaria de passar a noite do domingo. Aliás, se vivesse outros tempos, Nádhia tentaria fugir da escala e fazer aquilo que o coração mandava. Mas o clima na WingStars não recomendava certos arroubos. Se quisesse manter o emprego, deveria conter-se. Afinal de contas, como dissera a voz ao telefone, mais que um convite, aquela convocação era uma promoção. Era pegar ou largar. Se recusasse a oportunidade, talvez

jamais tivesse outra chance semelhante e, além do mais, seguramente entraria na alça de mira dos tutores da cabra. Assim, mesmo contrariando o coração aflito (e com a esperança de estar apenas adiando aquele que esperava ser o maior encontro da sua vida), Nádhia ligou para Péricles.

- Vamos ter de adiar, mais uma vez, o nosso encontro, Péricles - a voz insegura, indicava um constrangimento sincero.

- ...

- Vou trabalhar hoje e não sei, ainda, quando estarei de volta. Eu ligarei assim que puder.

E, sem alongar a conversa, após Péricles informar que, também, passaria alguns dias fora, se despediram. Estavam tristes. Será que tinham perdido a grande chance das suas vidas? E, com o tormento da dúvida, começaram a se preparar para a viagem que, segundo pensavam, os levaria para lugares cada vez mais distantes daquele onde, realmente, desejariam estar.

O destino, no entanto, não foi tão perverso como temiam.

Poucas horas mais tarde, escondendo a profunda melancolia sob o sorriso artificial das mulheres trajadas com a farda das aeromoças, acomodada no hall do hotel que servia de base da WingStars no Recife, Nádhia viu, um a um, a chegada dos demais tripulantes da equipe. Em instantes, um funcionário da companhia se encarregou de apresentá-los uns aos outros e informou que restava apenas a chegada do comandante Buscatto para seguirem ao aeroporto. Não deu tempo para a impaciência crescer. De repente, pela porta principal do hotel, chegou o tal comandante. A exemplo das colegas, Nádhia também voltou o olhar para o majestoso portal. Ao invés de ver o comandante, que já despertar alguns suspiros, viu Péricles. Para a sua surpresa, ele também estava fardado. A plaqueta dizia ser ele o comandante Buscatto. Surpresos e, ao mesmo tempo, alegres com a superação da mentira que tantas risadas provocara, eles mal conseguiram se cumprimentar.

- Nádhia...

- Péricles...

Não conseguiram dizer mais nada. A aproximação do restante da tripulação impediu a conversa de que tanto precisavam. Eles tinham tanto a dizer um ao outro.

Dez horas mais tarde, em Paris, jantaram juntos como combinado na véspera.

A história de Nádhia e Péricles não parou aí. Varando os tempos, ultrapassou, até mesmo, a débâcle do modelo econômico que os fez conhecer.

E, deles só se sabe que casaram e foram felizes para sempre!